

# Tensão pré-menstrual – loucura feminina?\*

Vera Aparecida de Carvalho Zoldan

*A Síndrome da Tensão Pré-Menstrual surge em nossos dias como a “síndrome da mulher moderna”. Marcando uma diferença sexual, cada vez mais difícil de ser simbolizada pelas mulheres de nossa época, os sintomas da STPM mostram-se incompreensíveis para suas vítimas, incuráveis para os médicos, “loucura feminina” para a sociedade. Porém, à luz dos conflitos pré-edípicos descritos por Freud, assim como da problemática da pré-puberdade, em Helene Deutsch, até a leitura lacaniana do gozo feminino, a tensão pré-menstrual revela-se pela emergência do real como “tensão pré-simbolizante” – esforço imposto a toda mulher pela impossibilidade de dizer seu sexo, de definir-se a partir da função da maternidade como criadora de seus próprios significantes .*

- \* Este artigo foi produzido no Laboratório de Psicopatologia Fundamental/UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira.

---

— O que me apavora é que, nesses momentos, eu sou capaz de matar.

Uma frase. Uma mesma frase dita de inúmeras maneiras, repetidas vezes, por diferentes mulheres. E, em todas elas, comportando o mesmo sofrimento diante do medo, um pedido de ajuda, uma interrogação.

— Parece que fico tomada nessa hora. Eu não me reconheço. Sou outra pessoa; uma pessoa que me dá medo!

— Vejo que estou indo longe demais, mas não consigo parar. Só quero continuar, cada vez mais, até acabar com tudo.

— Minha vontade é voar no pescoço dele!

— ...acabar com a obrigação.

— ...a faca pegou só de raspão, mas poderia ter sido uma tragédia!

— Eu me tranco em casa para não cometer nenhuma loucura. Quando passa, eu me encho de

---

esperança. Mas, aí, eu me lembro que é por pouco tempo. Não posso ter uma vida.

Relatos de um sofrimento – um sofrimento feminino que pode ser ouvido, hoje, não somente na situação de análise, mas em todos os lugares; rompendo as barreiras da intimidade pessoal e das normas de comportamento social, expondo-se para além de todos os limites, provocando reações que vão da incredulidade ao espanto e, finalmente, ao medo.

Discursos igualmente trágicos que, embora apresentem nuances individuais, nos comunicam a emergência de algo que se impõe como uma realidade irrefutável em nossos dias, sob o nome de Síndrome da Tensão Pré-Menstrual (STPM).

A STPM vem integrar o rol das novas síndromes e transtornos psíquicos, os quais têm sido catalogados e, até mesmo, reinscritos com novos nomes e que, em seu caráter de atualidade, referem-se indiretamente ao “mal-estar” que assola o homem moderno.

Porém, entre tantos distúrbios de ansiedade, pânico, humor etc., dos quais os sujeitos deste fim de século são vítimas, a Síndrome da Tensão Pré-Menstrual destaca-se por constituir um mal exclusivamente feminino. Um mal que manifesta seus efeitos, através de distúrbios psíquicos desencadeados a partir de *um processo biológico normal*, o ciclo menstrual.

A STPM marca uma *diferença sexual*.

A “síndrome da mulher moderna” hoje se faz presente no discurso comum, através do reconhecimento de alterações psíquicas diversas, que manifestam-se de forma cíclica e que são observadas, mesmo por mulheres que não têm um diagnóstico médico, mas que vivenciam um aumento de suas dificuldades emocionais no período que antecede a menstruação.

Curiosamente, a menstruação que, décadas atrás, consistia ela mesma no motivo de queixa feminina, devido aos sintomas dolorosos que lhe são associados, tornou-se algo ansiosamente esperado pelas mulheres de nossos dias; desesperadamente esperado, poderíamos dizer. Os sintomas, as queixas femininas, não se referem mais ao corpo, em seu sentido físico, como lugar de dor, mas a alguma coisa que lhes escapa, e que só lhes é possível viver como um estado psíquico; uma certa disposição interna que, alternando-se, é capaz de alterar sua relação com o mundo.

Tais relatos incluem desde um aumento da sensibilidade, um “magoar-se por qualquer coisa”, uma irritabilidade geral, até expressões de angústia profunda, depressão e explosões de ódio. Estas últimas, ocorrendo em crises incontroláveis, levam as mulheres a praticar atos irracionais, agressões físicas e verbais, comprometendo, em certa medida, segundo elas mesmas, o juízo de realidade.

Particularmente em relação a este aspecto de descontrole emocional, as pacientes expressam angústia e temor, pois percebem que são capazes de chegar

a ações extremamente destrutivas, pondo em risco a estabilidade de seu mundo pessoal.

O impulso à violência e a matar um outro, frequentemente os maridos, com quem se desenrolam as cenas de agressão descontrolada, dá vazão, a um agir que poderíamos definir como completamente “fora da lei”, pois, nesses momentos, as mulheres se permitem tudo, em nome de uma lei pessoal, incompreensível para elas mesmas.

É este aspecto da Tensão Pré-Menstrual, como indutora dessa *loucura feminina* emergente em nossos dias, que vem nos interrogar enquanto psicanalistas, lançando mais um desafio à nossa prática, assim como à teorização sobre a sexualidade feminina.

Se o feminino é o impossível de ser dito, o que persiste como gozo fora da linguagem e se, ainda que não o fosse, cada sujeito é único em relação àquilo que o determina – então, como fazemos uma escuta deste sofrimento essencialmente feminino, cujos postulados médicos definem como decorrente de uma função hormonal, de substâncias químicas de efeito “tóxico” ao psiquismo feminino?

Informações sobre esse aspecto fatal da síndrome hoje são propagadas, não somente através de diagnósticos médicos, mas, também, através de publicações diversas, reportagens, revistas etc., visando esclarecer a população feminina e os demais interessados – especialmente os que com ela convivem – sobre este estranho mal que vitima as mulheres.

Porém, é preciso reconhecer na recorrência das “cenas” relatadas por essas pacientes a manifestação de algo que, permanecendo fora do código da linguagem, só pode ser vivido como estranheza, falta de sentido, loucura feminina. Uma loucura que, nesses casos, vai encontrar na menstruação o único referencial possível para a condição feminina, capaz de restabelecer o equilíbrio psíquico.

### **Do quadro sintomático da STPM**

É como um encontro: você sabe que vai acontecer, tem data marcada e, antes dele, já começa a sentir as emoções à flor da pele. Só que não é um encontro e não há prazer algum nas sensações descontroladas, das quais nosso organismo é vítima.

Frases um tanto ambíguas: “Parece um encontro, mas não é”; “Não há prazer, mas sentem-se as emoções à flor da pele”... Ambigüidade tanto mais surpreendente, quando tais frases referem-se a uma síndrome – a STPM – cujos efeitos têm sido descritos por suas vítimas como devastadores.

O texto em questão, publicado numa revista destinada à classe médica<sup>1</sup>, parece-nos demonstrar, de maneira exemplar, o modo como a Síndrome da Tensão Pré-Menstrual vem sendo tratada e divulgada pelo discurso médico, desde seu reconhecimento pela OMS, em 1992, até o presente momento.

Embora seja considerada uma *doença incurável*, cuja sintomatologia é, em grande parte, atribuída às alterações hormonais ocorridas logo após a ovulação, não se sabe, contudo, determinar que tipo específico de mulher é “escolhida” pela STPM.

Vale a pena ressaltar, dos testemunhos médicos, o fato de que “muitas vezes, as mulheres não têm noção do que se passa com elas”. É freqüente as pacientes queixarem-se de “problemas com o marido”, de “estarem inseguras”, “menos dispostas ao sexo”, “mais sensíveis”. É a anamnese que evidencia um período crítico marcado pela proximidade da menstruação, levando ao diagnóstico da STPM.

Alguma melhora do quadro sintomático chega a ser relatada pelas pacientes, a partir de tratamentos medicamentosos – em sua maioria, combinações de vitaminas, diuréticos, hormônios e antidepressivos, nos casos mais graves –, os quais, segundo a opinião dos médicos, em geral, não podem ser considerados como totalmente responsáveis pelo controle dos sintomas.

Finalmente, a ocorrência da síndrome, que pode ser observada durante toda a idade fértil, tem suas manifestações mais severas datadas a partir dos 30 anos, seguindo-se a afirmação de que “a maior parte das mulheres já sentiu ou sentirá seus efeitos pelo menos uma vez na vida”.

É importante percebermos que tais afirmações promovem a STPM ao estatuto de mal irremediável; um sofrimento quase coletivo que, desvinculado de qualquer subjetividade possível, não teria outra saída senão ser absorvido pela cultura.

Os reflexos dessa influência cultural podem ser observados, especialmente na situação de análise, onde os sintomas vão ser atribuídos, inicialmente, apenas ao funcionamento cíclico da síndrome.

Porém, o que se evidencia através da escuta de pacientes, sob estados mais críticos de tensão pré-menstrual, é que ansiedade, irritabilidade excessiva, sensibilidade exacerbada, pessimismo extremo, sentimento de fracasso, depressão, impulsividade incontrolada, perda da capacidade de julgamento, agressividade etc., vão articular-se num discurso em torno do ódio. Ódio por seus companheiros, em primeiro lugar, pronto para explodir ao menor descuido. Ódio indefinido por qualquer um que possa provocá-lo. Ódio por suas mães e por si mesmas. No caso dessas últimas, especialmente quando não têm filhos ou vivem solitárias, o

1. *Ritmo de Vida* – revista nº 5, São Paulo, Limay, junho/1996, pp. 13-15.

ódio transforma-se em medo: medo de destruir, de matar, de matar-se, de enlouquecer.

Esse quadro sintomático, vivido intensamente durante o período pré-menstrual, dá lugar a um estado de extremo bem-estar psíquico, que instala-se simultaneamente à presença da menstruação. As mulheres descrevem, então, uma sensação de extremo alívio, tranquilidade e bom humor. “O mundo, que era negro, volta a ter cor”; “a vida torna-se mais leve”; “as coisas voltam a ter sentido”. Até que algum tempo se passe... para que tudo se repita.

As queixas voltam a rebater-se sobre o terreno das relações afetivas, justificando-se a partir da conduta do outro. O ódio ou a perda da racionalidade é sempre apontada, na fala das pacientes, como resultantes de uma falha no outro – no companheiro que não as ouve; na mãe que não as amou o bastante; em “alguém” que certamente poderia responder aos seus apelos, mas recusa-se.

E se tal discurso direciona nossa escuta, de imediato, através do terreno da neurose, para a questão da castração e da posição dos sujeitos em relação à mesma, notamos, ao longo do trabalho analítico, que toda referência à menstruação, enquanto significante da função feminina da maternidade, tende a mostrar-se vazia de um sentido subjetivo.

Questões como: “o que é a tensão pré-menstrual?” ou, “o que é isso para mim?” ou, ainda, “por que ovular me faz sofrer e menstruar me traz alívio?”, não são jamais colocadas espontaneamente. As “mulheres da STPM” não falam sobre a menstruação, nem sobre como a ovulação e a maternidade estão simbolizadas em seus códigos pessoais. Para elas, em primeira instância, a sigla responde pelo não sentido, explica sua própria estranheza, confere um nome para seu mal irremediável.

Isso nos faz pensar se o avanço da ciência médica, tomando a frente na solução daquilo que para as mulheres de algumas décadas atrás representava um “incômodo”, não terá contribuído para que, sobre o aparelho reprodutor feminino, elas não tivessem mais nada para falar.

Como articular o real do corpo a um discurso onde o feminino não tem lugar?

Será esse um preço a ser pago pelas conquistas das mulheres no terreno da igualdade entre os sexos, depois de tantas reivindicações e lutas? As mulheres, hoje, podem ocupar os mesmos lugares que os homens, produzir como os homens, fazer sexo como os homens, sem que nenhuma gravidez indesejada ou transtorno menstrual venha impedi-las em suas determinações. Podem decidir se querem ou não engravidar e quando fazê-lo. Podem mudar de idéia e abortar. Podem até decidir sobre uma eventual programação do ciclo menstrual. E, para aquelas que apresentarem alguma dificuldade na concepção, as técnicas de reprodução humana estarão prontamente disponíveis para garantir seu êxito, também nesse aspecto.

As mulheres, hoje, fazem pleno uso do seu direito de decidir sobre seus corpos.

Marie-Claire Boons, em seu artigo “As novas técnicas de reprodução: uma dupla abordagem”<sup>2</sup>, denuncia o engodo ao qual se articula esse movimento feminino pela disjunção entre sexualidade e reprodução – cuja palavra de ordem era, originalmente, “Meu corpo é meu” – e que “transfere o corpo das mulheres, que antes pertencia singularmente ao pai e ao marido, à instituição médico-científica, proprietária anônima, esfera de poder, de decisão, de conselhos, de prescrição”.

E, finalmente, como o recalque não é suficientemente eficaz para anular os efeitos do real, esse aparelho reprodutor feminino faz-se reconhecer por seus transtornos psíquicos devastadores, através da ira das mulheres. Mesmo que, mais uma vez, o discurso médico venha delimitar seu sentido, inscrevendo-o como síndrome, coletivizando as mulheres “pelo avesso”, ainda assim, algo pode se produzir: “loucura feminina”.

Mas, se falar em loucura nos introduz na dimensão da “recusa”, da forclusão, em relação à loucura feminina, estamos diante de alguma coisa que não é propriamente da ordem da recusa, mas sim do fracasso, pois se há uma demanda histórica das mulheres, constantemente relançada ao mundo da cultura e do saber científico, em busca de respostas para as questões do sexo feminino, vemos que é justamente tentando respondê-la que todo saber fracassa. Se as mulheres se recusam, então, é num segundo tempo – quando a significação que lhes é oferecida as reduz, uma vez que as ignora; propondo calar o seu sofrimento em vez de levá-lo em conta.

Portanto, é na raiz deste sofrimento feminino, associado à menstruação – seja ele resultante de processos fisiológicos, seja devido aos seus efeitos psíquicos – que devemos buscar as significações que lhe são particulares, também dentro de uma perspectiva histórica.

### **Menstruação – uma vergonha histórica**

Falar em menstruação sempre significou referir-se a um assunto um tanto “delicado”. A expressão “naqueles dias”, tão comumente usada para designar o período menstrual, faz transparecer, para além do fato biológico da menstruação, a ocorrência de coisas das quais “nem é bom falar”. A alusão, aqui, faz surgir a significação, imediatamente compreendida, porém somente comunicada sob uma certa censura.

2. M.-C. Boons. “As novas técnicas de reprodução: uma dupla abordagem”, in *Mulheres/Homens: ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992, p. 69.

Da mesma forma, a chegada da menstruação como motivo do afastamento de algumas mulheres do convívio social e até mesmo do trabalho, e que à primeira vista parece justificar-se através da idéia de um desconforto associado ao processo fisiológico, também se faz acompanhar pela percepção de uma certa indisposição com as relações interpessoais, que as levaria a evitar tais contatos. Aqui, também, o silêncio sob a forma de afastamento gera seus efeitos de significação, subentendendo-se que, se as próprias mulheres chegam a evitar o contato com outras pessoas durante a sua menstruação, melhor será evitá-las nesse período.

Este evitamento das mulheres durante a sua menstruação aparece, desde os primórdios da civilização, como uma regra a ser respeitada. De acordo com as leis do Antigo Testamento, o fluxo menstrual, assim como o sêmen, era considerado como "imundícia" que exigia uma purificação do corpo, através de banhos e oferendas, para remissão dos pecados. Como nas doenças contagiosas, o homem e a mulher em estado de "imundícia" permaneciam indignos de tocar qualquer coisa santa, ou mesmo objetos ou pessoas, sob o risco de torná-los também imundos.

Da mesma forma que a menstruação, o sangramento pós-parto exigia da mulher uma purificação e um longo tempo de resguardo, os quais deveriam ser duplicados no caso de ela dar à luz uma menina, ou seja, uma mulher que gera outra mulher torna-se duas vezes imunda.

A mulher menstruada aparece, desde sempre, como alvo de inúmeras associações de conteúdo maligno.

Estudos antropológicos demonstram que os primitivos tabus contra coabitação com mulheres menstruadas, o horror associado à visão de uma mulher nua durante sua menstruação e a crença de que as mulheres neste período são perigosas e sujas, tendo mesmo poderes demoníacos, encontram-se ainda arraigados nas diversas culturas, como um forte laço de identidade, possível de ser observado tanto nas superstições dos povos menos cultos, quanto nas fantasias das pessoas civilizadas.

Tais idéias, permanecendo encobertas no inconsciente, mantêm-se refratárias a toda influência da civilização, refletindo-se nos medos, nas fantasias e sonhos das pessoas, especialmente das meninas na época da puberdade, assim como na neurose das mulheres adultas.

Helene Deutsch<sup>3</sup> enfatiza o aspecto de "transmissão" desses conteúdos inconscientes, a partir do "segredo" que a mãe mantém, para a filha, sobre sua menstruação. Desta forma, as meninas apreendem desde cedo que, se algo lhes

3. H. Deutsch. "Menstruation", in *The Psychology of Women - A Psychoanalytic Interpretation*. New York, Grune & Stratton, 1944, vol. 1.



é ocultado, deve ser considerado motivo de vergonha e sentimentos de inferioridade.

Uma das razões que levam as mães a evitar que a menstruação seja observada por qualquer de seus filhos é o fato da óbvia associação que toda criança faz entre o sangue e um ferimento. Especialmente em relação à menina, a mãe teme que ela reaja de forma negativa à descoberta dos sangramentos mensais. Seus temores são reflexos de suas próprias dificuldades, vividas por ocasião de sua primeira menstruação. Inconscientemente, ela adia o momento de revelar à sua filha o quanto pode ser difícil "tornar-se uma mulher"; mantendo-a, assim, numa ingênua ignorância, na qual ela própria, talvez, teria preferido conservar-se.

Sabemos que a puberdade é marcada pelo início do processo menstrual, despertando toda a problemática sexual, anteriormente em estado de latência, e onde os sangramentos vão mobilizar antigos sentimentos de mutilação e inferioridade, vividos primitivamente pela menina durante a fase fálica.

A menstruação, então, ao mesmo tempo que vem pôr fim à meninice, é aquilo que faz retornar todas as fantasias e medos infantis associados à castração, adormecidos até esse momento.

Isso parece explicar o fato da mulher menstruada ter sido cercada, ao longo da história, por tantos tabus, pois a menstruação, associando-se aos conteúdos recalçados mais primitivos na história do homem e da mulher, desperta tanto em um quanto em outro, justamente aquilo que convém ser evitado: para o homem, o pavor; para a mulher, a vergonha.

### **Tornar-se mulher??**

Na elaboração freudiana da sexualidade, o complexo de inferioridade feminino tem sua origem na descoberta da diferença dos sexos, a partir da qual a menina chega ao reconhecimento de sua própria castração.

Nesta fase, marcada pela inveja do pênis, a menina vive sua condição sexual como uma mutilação, o que lhe desperta um profundo sentimento de inferioridade, ao reconhecer-se incapaz de oferecer à mãe aquilo que ela deseja para sua satisfação. Sente-se duplamente inferior: perante os meninos, por não possuir um pênis como eles, e perante a mãe, por não possuir aquilo que a tornaria desejável aos seus olhos.

A saída encontrada pela menina para alcançar uma posição mais satisfatória do que esta, na qual se vê em total desvantagem, é renunciar à posição homossexual em relação à mãe – uma vez que não pode mesmo pretender equiparar-se ao homem –, abandonando a inveja do pênis e voltando-se para o

pai, numa heterossexualidade capaz de lhe proporcionar um objeto substituto do pênis: um filho.

Porém, aqui, vemos que a elaboração da castração pela menina fica reduzida a uma substituição do objeto, não sendo, propriamente, uma renúncia ao mesmo, pois desejar um filho, na condição de substituto do pênis, ainda significa desejar aquilo que falta à mãe. O desejo de maternidade como equivalente da feminilidade, faz do “tornar-se mulher” freudiano uma contradição.

Ao mesmo tempo, o sentimento de inferioridade aparece como algo que somente poderia ser superado pela mulher, quando ela obtivesse aquilo que a faria igualar-se ao homem. Enquanto mulher, simplesmente, ela sempre seria inferior.

Lacan, retomando esses conceitos, a partir da teoria do significante, conclui que a falta feminina situa-se ao nível do significante da feminilidade e não, propriamente, do órgão fálico, em seu plano anatômico.

O fato da problemática da diferença entre os sexos ser colocada para os sujeitos a partir do Édipo e da castração, em relação a um único significante, o significante fálico, determina que, para a mulher, não haja outra possibilidade de ordenar sua posição sexual a não ser identificando-a a partir da falta do órgão sexual masculino, ou seja, submetendo-se à função fálica.

Na impossibilidade de nomear a sexualidade feminina em função de um significante próprio, a mulher vai “tomar emprestado” o significante da masculinidade, para definir-se, em oposição ao homem, como aquela que não possui o falo e, a partir dessa falta, ter acesso a um desejo pela via da identificação.

Ocupando originariamente o lugar do objeto de desejo da mãe – o falo –, a criança é presa de uma “completude” imaginária que só pode ser desfeita com a entrada do pai nesta relação, interditando-a. O pai, colocando-se como o portador do falo, passa a ser reconhecido pela criança como “aquele que tem o que a mãe deseja”. Este reconhecimento tem um duplo efeito de castração: da mãe, que é colocada na condição de desejante ao ser interdita da criança, e da criança que, destituída da posição de objeto fálico materno, será introduzida na dimensão da própria falta, como ser “descompletado”, dividido, sujeito de um inconsciente às voltas com o próprio desejo, para então assumir seu lugar e sua identidade.

O significante “Nome-do-Pai”, barrando o gozo absoluto, representado pela completude do Outro materno, inscreve-o como gozo fálico, ou seja, limitado pela sexuação e pela linguagem; pelo código simbólico, de um modo geral.

O fato de os seres falantes ordenarem seu desejo em torno da dialética do “ter” ou “não ter” o falo, faz com que, do lado da mulher, por não haver ameaça de castração, a proibição do incesto não possa se inscrever e o gozo absoluto não possa ser barrado.

Se, por um lado, a falta de um significante da feminilidade capaz de nomear o desejo da mulher, sem passar pelo significante fálico, faz com que o real feminino

não possa ser simbolizado, por outro, submetendo-se à função fálica, tampouco a castração pode ser tomada pela mulher como via de acesso a um desejo propriamente feminino, uma vez que o que ela encontra aí é a identificação ao desejo do homem.

O real feminino, então, permanece como gozo fora-da-linguagem, impossível de ser dito. Daí resulta a afirmação de Lacan: “Não há A mulher, pois, por sua essência, ela é não-toda”.<sup>4</sup>

“Só existe Mulher excluída da natureza das coisas, que é a natureza das palavras”.<sup>5</sup>

Enquanto no real existem dois sexos, o corpo, assim como o sujeito, é efeito de discurso. A mulher, então, tem e não tem relação com o falo e a castração. Ao mesmo tempo que, enquanto ser falante, cujo mundo simbólico é organizado pela função fálica, sua relação com a mesma é da ordem do que pode ser decidido, do contingente. O Outro gozo, este que tem relação com o Outro, não é excluído de seu campo.

A mulher, como propõe Lacan<sup>6</sup>, tem, em relação ao gozo fálico, um gozo suplementar. Um gozo para além do falo. Gozo do Outro como lugar de verdade, irreduzível a toda significação. Lugar de Deus.

## A mística e o gozo feminino

Deus é o nome da ausência do Nome, que advém ao lugar onde os símbolos da linguagem fracassam. Saber absoluto que sustenta a linguagem, opondo-se a toda definição pela palavra. Lugar de mistério que sujeita o homem, é Dele que emana todo o amor. Um amor incompreensível, paradoxal, cuja grandeza somente se suporta no sacrifício.

Nome do puro significante, que não se presta a qualquer referência ao vivente, ao animado, ao imaginado – Deus é em si mesmo. Todo desejo é nada diante do vazio no qual se manifesta a Sua presença. Nenhum gozo pode ser maior do que devotar-se a esse Amor absoluto, diante do qual, todo sofrimento é pura prova de Sua existência.

É no martírio de Cristo que se ostenta a face mais radical desse Amor – o sacrifício do Filho de Deus, cujo sangue traz a redenção dos pecados do Homem.

Assim como o martírio inaugura a promessa da recompensa divina, ele encerra o mistério do gozo infinito do encontro com Deus. Mistério que se reserva

4. J. Lacan. “Deus e o gozo d’A Mulher”, in *Mais, ainda – Seminário livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982, p. 98.

5. Idem, *ibidem*, p. 99.

6. Idem, “Letra de uma carta de amor”, pp. 105-120.

para além da vida sexuada, para além dos limites do corpo e do pensamento, capaz de ser alcançado apenas pelo ser em estado puro, desembaraçado de suas formas e sensações, de todo prazer ou dor – figura da morte como passagem ao reino dos céus, como reintegração ao paraíso.

A experiência mística revela-se como o acesso do ser a esse Outro gozo – puro lugar de verdade. Sobre o aspecto deste privilégio divino do qual o ser goza através da oferenda do corpo, Gérard Pomier<sup>7</sup> nos diz:

Essa mostra de um corpo martirizado descobre o gozo que o anima.

A carne sofre porque advém ao lugar de um vazio. Nome dos Nomes, furo que não é nome algum, Deus eleva à sua altura um corpo talvez martirizado, mas que espera igualar-se à vacância divina na proporção de seu sofrimento.

Nenhum pai responde, ou responderá jamais, e o sofrimento do corpo é o eco dessa ausência. O sofrimento é sua presença, gozo do puro significante da ausência em cujo fogo o corpo se submete à transverberação. O pai, o esposo, a mãe, o filho, nada resiste à figura do vazio, única a se manter.

Os testemunhos místicos nos comunicam essa dimensão de entrega; da quebra de todos os laços carnis, na qual o sacrifício do próprio sangue é vivido como glória e êxtase.

Esse gozo do corpo experimentado pelos místicos, como Lacan observa: “...eles o experimentam, mas não sabem nada dele.”<sup>8</sup>. Pois o saber tem como preço a renúncia ao gozo. Saber a sexuação desqualifica o ser para o gozo de Deus.

A mística revela a verdade sobre o gozo feminino, como um gozo alcançado através de uma passividade ativa, firmemente perseguida. Gozo que atesta a existência do Outro; dessa face do Outro, como a face Deus, suportada pelo gozo feminino. Deus enquanto o Criador, o primeiro a representar a relação pré-genital para Adão e Eva, no Paraíso. Outro materno, não-sexuado.

É assim como Deus, que a mulher gera. Mesmo aquelas que não desejam a maternidade, mesmo aquelas que já são mães, independentemente de sua vontade. Mães em potencial, assim que se dão conta de que já são mulheres feitas; mães no fantasma dos homens com quem se relacionam; as mulheres são mães involuntárias de filhos/óvulos que continuam a se produzir para ser desperdiçados mês a mês. Sacrifício da carne.

Todo desígnio divino é mudo. Impõe-se absoluto barrando toda formulação pela linguagem. O sentido, aí, nasce do não-sentido; da ausência de respostas.

7. G. Pomier, “A mística, verdade do gozo feminino”, in *A exceção feminina*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, p. 66.

8. J. Lacan, op. cit., p. 103.

A questão do gozo feminino, como decorrente da posição de ser gozado, aponta inicialmente para a primitiva experiência vivida pelos sujeitos, como objeto de gozo materno.

Segundo Freud – embora essa posição de passividade sexual em relação à mãe deva ser abandonada pela criança, em função da definição de sua sexualidade, por ocasião do complexo de Édipo –, no caso específico da mulher, é necessário que ela retorne a essa posição, mais tarde, com a chegada à puberdade, para assumir seu destino propriamente feminino através de uma identificação materna.

A posição de passividade feminina é colocada, por Lacan, não somente em relação à primitiva experiência como objeto de gozo materno, vivida por todos os sujeitos, mas principalmente como dependência da instância simbólica – essencial para a realização da identificação da sexualidade –, cuja falha faz com que o sexo feminino permaneça como uma ausência, um vazio, um buraco.

O retorno feminino à passividade, na puberdade, é marcado por uma grande atividade, orientada em função dos objetivos sexuais dos quais depende o destino futuro da mulher. Ao mesmo tempo que passivamente “abandonada” neste campo de gozo do Outro, ela irá buscar compensar de forma ativa, a falta significativa de seu sexo, através dos recursos simbólicos que lhe são disponíveis, dentro da significação fálica. Em outras palavras, a mulher aceita o lugar a ela destinado no mundo dos homens, para entrar em função na relação sexual, enquanto mãe.

É pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, à realização genital – que o homem se viriliza, que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina.<sup>9</sup>

Sobre essa inscrição da mulher, como mãe, no simbólico, Lacan nos diz:

Para esse gozo que ela é, não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse “a” que será seu filho.<sup>10</sup>

Vemos, então, que é, antes de tudo, na tentativa de produzir o significante faltoso, capaz de subjetivar o insubjetivável de seu sexo, que a mulher buscará na criança essa possibilidade. Criação que, embora fracasse em significar-lhe a feminilidade – uma vez que só pode representá-la enquanto mãe –, pode funcionar,

9. J. Lacan, “Do significante ao significado”, in *As psicoses – Seminário livro 3*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ª ed., 1988, p. 203.

10. Idem, “A função do escrito”, in *Mais, Ainda – Seminário livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1982, p. 49.

como objeto destacado de seu corpo, no nível da falta significante, como objeto causa do desejo.

É, portanto, especificamente com relação a esse gozo feminino do significante da falha do Outro que o filho é objeto "a".

Se as mulheres, assim como os homens, não podem ser sujeitos de um inconsciente, a não ser que se definam como castradas – um filho, para uma mulher, mais do que falo desejado, será antes o objeto que pode ser perdido para sempre.

A maternidade, desse modo, funcionando como um processo de castração vivido a partir do real do corpo, permite a inscrição simbólica do desejo feminino, enquanto desejo materno. É somente como mãe, que a mulher inscreve-se na relação sexual; é como mãe que a menina faz sua entrada no simbólico.

O fato da não inscrição do desejo feminino enquanto desejo materno, implica, portanto, que o gozo do Outro não possa ser barrado, e que a condição feminina seja vivida como "sem sentido"; pura dimensão de sacrifício que faz o Outro gozar; dimensão na qual a maternidade, assim como a menstruação, equivalerão apenas a sangue derramado.

Pode-se observar, muitas vezes, em pacientes que não aspiram, nem nunca imaginaram a possibilidade de se tornarem mães, ou que sequer chegaram a constituir um relacionamento conjugal, a manifestação dos mais graves sintomas depressivos no período pré-menstrual. Mergulhadas numa "completa falta de sentido", numa "perda da vontade de viver", numa "sensação de total abandono", essas mulheres, que em sua história, muitas vezes, nunca tiveram realmente alguém a quem recorrer, vêem-se entregues à própria sorte; a um gozo sem palavras.

A maternidade, sem dúvida, pode ser vivida como um processo sublimatório para muitas mulheres, uma vez que coloca a exigência da renúncia à criança como objeto de gozo materno; do sacrifício imposto pelo interdito da cultura através da proibição do incesto; da sua sujeição à lei dos homens.

Porém, no discurso de muitas pacientes que se dispõem a falar sobre isso no divã, a maternidade é apontada como um fardo, um preço a ser pago pelas mulheres, pelos prazeres da carne, do qual os homens são isentos. É a mulher que porta o fruto do pecado em seu ventre. É somente enquanto "pecadora", indigna de oferecer-se ao gozo do Outro, que a mulher consegue barrá-lo para significar um desejo. É somente através da castração, de uma perda no real do corpo, que ela terá acesso a um sentido próprio.

É essa perda essencial à condição feminina, que se coloca em seu discurso, como um sofrimento sem remédio. Gérard Pomier, diz:

Uma mulher, como ser falante, está separada da feminilidade que encarna. A cisão que experimenta impõe a ela uma escolha entre sua identidade e seu

gozo. Nesse “vel”, a primeira não qualifica a feminilidade que, nesse aspecto, está sob a mesma égide que a de um homem. O segundo supõe a perda, ao menos momentânea, da primeira. Se busca o gozo que lhe é próprio, perde sua identidade e seu nome. Se escolhe apenas o traço que a distingue, abomina a perda onde iria gozar.<sup>11</sup>

Isso nos faz compreender por que a maternidade, em alguns casos, aparece como equivalente a um castigo, ao qual a mulher se curva, aceitando seu lugar de mãe, mas não sem antes denunciar a “injustiça” da Natureza, representada em seu discurso pelas diversas formas de injustiça cultural e social. Na raiz de todo movimento das mulheres em favor de uma igualdade de direitos, está um profundo sentimento de desigualdade – ou sentimento de inferioridade, como dissemos anteriormente – que fez com que, para as mulheres, a sexualidade sempre as remeta à própria ferida narcísica.

Mês a mês as mulheres se lembram... Não no seu discurso consciente, mas à maneira da histeria, quando o real do corpo emerge, fazendo-as “quase enlouquecer”.

### O “período de expectativa”

A menstruação pode ser considerada como o acontecimento mais importante da puberdade, por mobilizar inúmeras reações psíquicas, impondo uma nova elaboração das questões relativas à posição sexual feminina em função da maturidade biológica, num processo que caracteriza-se como uma “reedição da fase fálica”.

Helene Deutsch define o momento da pré-puberdade, no qual a menina aguarda a chegada da menstruação, como um “período de expectativa”,

(...) que pode ser concebido de dois diferentes modos – ou como o período de maturação imediatamente precedente à primeira menstruação, ou como todo o longo período de preparação inconsciente da menina para a feminilidade.<sup>12</sup>

Segundo ela, é neste último estágio do período de latência, que certos prenúncios do futuro desenvolvimento sexual podem ser percebidos. Assim, certos sintomas e comportamentos apresentados pelas mulheres só podem ser compreendidos como uma continuação direta da pré-puberdade; do “período de expectativa”.

Este é um momento da maior importância, onde um forte impulso à atividade inicia um processo intensivo de adaptação à realidade, no qual o domínio do

11. G. Pomier. “Identificar a mulher”, in *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, p. 35.

12. H. Deutsch. “Menstruation”, in *op. cit.*, p. 149.

ambiente torna-se possível através do desenvolvimento do ego. A renúncia à vida de fantasia infantil conduz à busca de novas relações de objeto, novas pessoas para amar, para odiar, e com as quais se identificar. Essa busca de sua própria identidade fez com que a menina deseje, antes de tudo, ser diferente de sua mãe.

Com a aproximação da puberdade e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, há o desenvolvimento de uma relação extremamente narcisista em relação ao próprio corpo, cuja vulnerabilidade determina a rejeição de qualquer coisa que possa destruir sua integridade.

Nesse momento, a menstruação é aguardada pela menina, como um sinal biológico de sua maturidade sexual, a partir do qual ela espera ser reconhecida como adulta, o que lhe desperta, ao mesmo tempo, uma profunda ansiedade. Isso contribui para que a chegada da primeira menstruação seja comumente vivida como um trauma, uma experiência de desapontamento e medo.

É comum que as meninas, neste período, sejam cobertas de atenções pela família, especialmente pela mãe, o que assume o caráter de uma compensação pela "crueldade" sofrida. Outras, podem desenvolver reações extremamente agressivas em relação à mãe e aos demais. Outras, ainda, desenvolver preocupações obsessivas com relação à limpeza de seus genitais.

A menstruação pode, ainda, ser encarada como apenas mais uma função excretora, como forma de neutralização de seu caráter sexual. Atitudes de "negação", juntamente com a adoção de comportamentos masculinos, são uma medida de anulação das diferenças sexuais.

A intensificação das demandas sexuais pode gerar um conflito entre o desejo de satisfação e a resistência ao mesmo. Muitas vezes, o conflito pode ser evitado através da paralisação da menstruação durante um longo período.

Dentre todas essas possibilidades de vivenciar a menstruação, uma questão, evidencia-se como a principal e comum a todas as meninas. Todos os conteúdos negativos associados à menstruação a partir do "segredo" da mãe, e que foram encobertos durante a fase de latência, às custas da identificação fálica com o pai, voltarão a ser mobilizados, desta vez, em relação ao próprio corpo.

Tais conteúdos podem continuar sendo mantidos em segredo, por ela mesma, não somente em relação às outras pessoas, mas em relação a si própria, evitando qualquer abordagem consciente dos mesmos, inclusive na fase adulta. Isso pode ser facilmente observado, pela imediata afirmação feita por algumas pacientes, quando são questionadas sobre o assunto, de que a menstruação é apenas "uma coisa normal"; que "*não tem nada demais*".

Porém, se, antes, o gozo orgânico é vivido pela criança sem que lhe seja atribuída nenhuma significação sexual, o seu retorno, na puberdade, despertando forte excitação, impõe que tais sensações sejam significadas como sexuais. Assim, também, a vivência da menstruação, das sensações corpóreas relativas à mesma,



devem recair sob uma significação simbólica, inscrevendo-se em relação à função fálica, como referência à posição sexual feminina.

O modo como a menina irá abordar a questão de seu gozo, dependerá, em grande parte, do desenvolvimento psíquico alcançado por ela na pré-puberdade, do resultado obtido na busca de identificações positivas para seu sexo, na valorização do mesmo a partir de outras pessoas – senão a mãe e o pai, outros que possam lhe servir de modelos, possibilitando uma definição de seu desejo enquanto feminino.

Se a busca de uma significação simbólica para a sexualidade feminina, reduz-se às primitivas percepções negativas sobre a inferioridade da mãe e do vazio de seu sexo, a menina vê-se relançada à carência do significante essencial para a constituição de sua feminilidade, impossibilitada de simbolizar o real de seu corpo, abandonada à posição de objeto de gozo do Outro.

Helene Deutsch nos diz:

Muitas mulheres que sofrem de depressão pré-menstrual relatam que com o início do fluxo elas experimentam um agradável sentimento de liberação. Elas esquecem de mês a mês que sua periódica depressão é causada pela aproximação da menstruação e respiram aliviadas quando o início da mesma fornece a explicação racional de sua depressão. Muitas dessas mulheres têm preservado a expectativa da pré-puberdade de que algo terrível está prestes a acontecer com elas e ficam agradavelmente surpresas todo mês, quando o evento que elas esperaram com tanta ansiedade revela ser somente a ocorrência fisiológica costumeira.<sup>13</sup>

### A oscilação histórica

O espaço do gozo materno, imaginariamente habitado pela criança, constitui-se desde sempre como enigmático, em virtude de uma descontinuidade, onde esse gozo pode, às vezes, faltar.

É essa propriedade do gozo que o fez oscilar, que vai permitir a abertura da brecha necessária para que a criança se lance a recuperá-lo, através da alucinação do objeto, a qual dará lugar, em seguida, ao início do processo de simbolização.

Mediante a simbolização da presença e da ausência materna, a criança realiza um primeiro afastamento do Outro, assumindo ativamente o controle de suas “idas” e “vindas”, o que lhe permite dominar a angústia relativa ao estado de dependência fundamental em que se encontra. Esta operação primária será a base para o estabelecimento de uma identidade do sujeito.

13. H. Deutsch. “Menstruation”, in op. cit., p. 174.

A simbolização da ausência materna, pela criança, supõe que haja, da parte da mãe, um desejo que se coloca em outro lugar, que não nela mesma. Conseqüentemente, na elaboração do complexo de Édipo, o reconhecimento do pai como portador do falo, capaz de satisfazer o desejo materno, impõe como premissa que a criança reconheça tal desejo na mãe.

Porém, na estruturação histórica, a mãe aparece como mulher sem desejo, rejeitada pelo pai e excluída do jogo sexual. Uma mãe "vítima", que não pode amar nem possibilitar à filha uma identificação materna, essencial para a constituição de sua identidade sexual.

Os efeitos dessa carência fundamental, para a histórica, podem ser, aqui, deduzidos através das palavras de Marie-Claire Boons:

Trata-se de apreender que o que marca a entrada no significante, onde o sujeito acredita submeter-se às leis simbólicas, é ainda um efeito do amor. Pois uma criança amada é uma criança reconhecida, segundo o puro elogio de quem a olha, a admira, a levanta em seus braços, lhe sorri.<sup>14</sup>

Se é do Outro que o sujeito recebe uma imagem de si, amável, imaginando sua própria completude corporal, é do Outro, também, que deve partir a aprovação simbólica que irá autenticar essa imagem para o sujeito, para que a mesma se constitua como tal.

Na estruturação histórica, a ausência de desejo na mãe vai remeter a criança a uma figura de pai inconsistente, falha, desprovida do atributo fundamental a ser reconhecido como causa do desejo materno. A filha, então, irá devotar-se a repará-lo, oferecendo-se como o falo, o elemento que falta para instaurar o circuito do desejo, essencial para a identificação de sua posição como sujeito.

A falta do significante de sua sexualidade determina uma fragilidade narcísica, fazendo com que a menina não possa revestir e erotizar completamente o real de seu corpo. Desse modo, ela só pode abordar a sexualidade pela via do desejo do homem; identificando um comportamento sexual a partir da fantasia masculina.

Encerrada nesta identificação fálica, a filha vive junto ao pai os efeitos de sua sedução, devotando-se a completá-lo, sacrificando-se igualmente pela mãe. Seu desejo erótico, então, só pode se propor ao desejo de um homem na exposição fálica, sendo o falo, evocando a causa de seu desejo.

Sem esse artifício, a histórica se vê reduzida à condição de puro objeto, a mercê do Outro gozador. Em face da instabilidade de sua imagem narcísica corporal, ela se esconde no lugar do falo, cuja imagem, como uma máscara, ameaça sempre se desfazer, revelando o real orgânico de seu corpo dessexualizado.

14. M.-C. Boons. "O exílio amoroso", in *Mulheres/Homens: ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992, p. 36.

Na histeria, então, há uma oscilação entre dois tipos aparentemente contraditórios de funcionamento sintomático do corpo: por um lado, a conversão, onde há a hipersexualização do órgão ou do corpo e, por outro, a dessexualização, onde o corpo ressurgiu como orgânico.

A oscilação histórica encena a hesitação sintomática entre um sexo e outro, resultante dessa falha da identificação narcísica com seu próprio sexo, e que caracteriza a “bissexualidade histórica”, como uma divisão imaginária destinada a mascarar a falta do significante da feminilidade.

Serge André diz: “A histórica é literalmente o lugar de uma guerra dos sexos, cujo cenário é sempre o mesmo: um gozo masculino imposto pela força à feminilidade, que submerge, desde então, na ausência.”<sup>15</sup>

O vazio da feminilidade é aquilo do que a histórica foge, pondo-se ao abrigo no falo. Como filha privada tanto do feminino, quanto do materno, toda sublimação possível de seu desejo erótico, só pode conduzi-la a dedicar-se aos fracos, a sacrificar-se pelos inválidos, pelos órfãos. Para ela, o espedaçamento anatômico, enquanto fantasmático, sendo estrutural, faz da procriação uma questão problemática.

Assim, a aproximação dos sangramentos menstruais pode constituir um risco na histeria. A tensão pré-menstrual, assim como o “extremo bem-estar” relatados pelas mulheres, vítimas da STPM, nos remetem à questão da oscilação histórica, em seu aspecto de máscara, ou de refúgio, em face de um gozo ameaçador, anunciado por essa emergência do real do corpo.

O recurso à identificação fálica aparece, nesses momentos, como a saída encontrada pela mulher, diante do real de seu corpo orgânico, de uma “produção” vivida como sem sentido, do sacrifício involuntário de seu próprio sangue.

A escuta analítica das “cenas” relatadas por tais pacientes revela que suas atuações ou manifestações sintomáticas, durante o período pré-menstrual, reproduzem frequentemente traços associados à imagem paterna, através dos quais as mulheres ostentam sua identificação fálica, colocando-se numa rivalidade destrutiva com os homens, a qual pode desembocar no ódio mais radical.

A falta de uma identificação a uma imagem materna capaz de responder à função biológica, desenvolvida no interior do corpo, coloca em risco a própria imagem narcísica da mulher que, assim como seu óvulo, ameaça se desfazer. Identificada ao objeto de sacrifício, “Ser sem valor”, impossibilitada de encontrar uma saída através da sublimação, a mulher beira os limites da Lei, da quebra de todos os seus laços simbólicos.

15. S. André. “O que posso saber disso?”. In *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Campo Freudiano do Brasil, 1987, p. 16.

É nesses momentos que a mulher mais interpela o homem, desafia-o, provoca-o até as últimas conseqüências, clamando por um pai. Um pai que possa fecundar não exatamente o óvulo que ela traz em seu corpo, embora isso também possa ser verdadeiro, mas um pai que possa nomeá-la, barrar o gozo mortífero para o qual ela se precipita.

Algumas atiram-se num ódio louco e destruidor, porque, para elas, a destruição é iminente. Todo o "barulho" louco, incompreendido, da atuação histórica desenrola-se sobre o fundo de uma silenciosa pulsão de morte.

E embora a morte, em seu sentido simbólico, possa assumir muitas formas de anulação da subjetividade nos sintomas dos sujeitos, de um modo geral, particularmente nas vítimas da STPM, o desejo de morte chega a assumir, em alguns casos mais graves, formas mais radicais.

Assim, a depressão com idéias de suicídio, associada ao período pré-menstrual, nos faz pensar na sedução de um gozo mortífero; o desejo de destruição e morte, que explode violentamente, em relação ao outro, nos faz reconhecer efeitos da ordem de uma passagem ao ato, quando não, de sua anunciação pelo discurso das pacientes.

Nesse sentido, podemos também pensar que o desafio lançado pela mulher, durante as crises da tensão pré-menstrual, teria como fim, senão a nomeação de sua feminilidade, provada tantas vezes como impossível, em último caso, o mesmo que buscam as crianças quando desafiam a autoridade paterna, ou seja, que o outro, forçado pela gravidade da situação, imponha limites à sua atuação perigosa, protegendo-a assim de seus próprios atos destrutivos, como prova da existência de uma lei que se coloca também para ela.

Serge André diz:

Poderíamos, com efeito, ressituar a noção de "neurose de angústia" nas mulheres a partir dessa divisão que faz da feminilidade uma oscilação entre a castração e o furo onde nenhum sujeito se pode inscrever como sujeito. Com relação a essa hiância, é claro que todas as angústias de castração, todas as angústias fóbicas ou históricas são apenas barreiras, proteção contra uma angústia mais fundamental que não está, em si mesma, ligada à lei nem à castração.<sup>16</sup>

Embora enfoquemos especialmente os casos de perturbações psíquicas mais graves associadas à Síndrome da Tensão Pré-Menstrual, nos quais as mulheres chegam a desejar e até a realizar atos de violência explícita, verbal ou física, em relação a um outro, pensamos na hipótese de que nos demais casos, em que os efeitos psíquicos relatados pelas pacientes apresentam formas mais atenuadas,

16. S. André. "Da mascarada à poesia", in op. cit., p. 282.

como “maior sensibilidade”; “maior irritabilidade” ou, mesmo uma inocente compulsão à atacar a geladeira”, a dimensão do ódio não está ausente.

A dialética do amor e do ódio, como Lacan propôs, vivida inicialmente pela criança através da oscilação entre presença e ausência do Outro materno, é o que instaura nos sujeitos a dimensão do reconhecimento, bem como a da frustração, do não reconhecimento pelo Outro.

É a essa dimensão do ódio que nos referimos, no presente estudo, como frustração à demanda de reconhecimento do sujeito, dirigida a outrem, e que, vai articular-se no discurso de cada mulher, de acordo com sua história pessoal, com seu próprio código simbólico. Código este que vai determinar uma maior ou menor possibilidade de simbolização da condição feminina, a partir dos significantes recebidos por cada mulher, de sua própria mãe.

A chegada da menstruação vem pôr fim ao estado de “loucura” dessas mulheres, pois ele anuncia o fim do perigo. Como se elas pudessem fazer a constatação de que, em seu corpo, somente o óvulo se perdeu; de que o sangue, mais uma vez derramado, adia para um novo momento a questão problemática da maternidade, assim como de sua posição enquanto mulher.

Muitas vezes, as cenas de violência servem também, para uma mulher, como evidência de que o parceiro foi posto à prova. Pois, depois de tudo, se o outro ainda permanece a seu lado, sua presença pode produzir um sentido, um amor pode se revelar, a partir do que ela pode ver seu desejo renascer.

### **A produção de um novo significante**

O processo biológico da maternidade como produção de um significante “novo”, que venha a preencher o vazio do sexo feminino, como já dissemos, é fadado ao fracasso, uma vez que o filho não pode representar a mulher, mas apenas a mãe. Porém, é justamente por esse fracasso, que só faz ressaltar o vazio da feminilidade, que a criação de um filho pode ser vivida como um processo de sublimação através do corpo.

O processo de sublimação, enquanto criação de novos significantes, destina-se, igualmente, a revelar o vazio, inscrevendo-o como algo que resta a ser preenchido. Na criação artística – a exemplo do vaso que modela o furo em seu centro –, a obra aborda o vazio que envolve o sexo da mulher, exaltando-o enquanto buraco de onde toda criação se origina.

Embora Freud tenha afirmado que as mulheres “não possuem senão em muito escassa medida o dom da sublimação”<sup>17</sup>, pensamos que esta via é alcançada,

17. S. Freud. “La moral sexual ‘cultural’ y a nerviosidad moderna”, in *Obras completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 3ª ed., 1973, tomo I:II, p. 1256.

com certeza, por muitas mulheres. Se o objeto da sublimação é tudo aquilo que não se limita a uma relação de utilidade, mas que a excede através da beleza e do senso estético, indicando a existência de algo a mais, para além da imagem e de toda palavra – então, não é aí que se situa a mulher?

Como o grito que destaca o fundo do silêncio, o traço que faz surgir a ausência, não poderíamos pensar a menstruação como traço que ressalta o furo do sexo feminino, indicando-o como vazio, como potencialidade de criação? Seria esse um ponto de abertura para o processo de criação numa mulher?

Se a tensão pré-menstrual relança constantemente, para a histérica, a questão de sua feminilidade, é justamente a partir dessa emergência do real que o gozo orgânico pode chegar a inscrever-se sob uma significação simbólica, como sexual.

Porém, como poderiam essas mulheres que sofrem de tensão pré-menstrual submeterem seus corpos a uma significação simbólica, diante de propostas que se ofereçam para solucionar seu sofrimento, através da simples eliminação de seus sintomas ou, ainda, de forma mais radical, excluindo a menstruação, como “sangria desnecessária”? Da mesma forma, a maternidade, enquanto limitada apenas ao processo biológico, não pode ser inscrita numa significação mais abrangente, como criação simbólica.

É importante lembrarmos que, embora para efeito didático, fale-se, na teoria psicanalítica, sobre “a mulher” e “a histérica”, não há como pensarmos a mulher fora da histeria, por ser esta a estrutura fundamental relativa à neurose e, essencialmente, ao sexo feminino, cujo real persiste indefinidamente a ser simbolizado, como mistério do corpo falante. Essa observação ganha um sentido ainda maior diante da Síndrome da Tensão Pré-Menstrual, onde a questão do gozo ressurgue igualmente, independentemente do modo como cada mulher faz sua inscrição na neurose, e que costumamos identificar como sua estrutura psíquica.

Se o feminino só pode ser verdadeiramente apreendido pela emergência do real, então, a posição normalizante numa mulher definir-se-ia segundo sua própria possibilidade de simbolização, ou seja, segundo a possibilidade alcançada pela mesma, de referir-se ao irrepresentável da feminilidade através da criação de seus próprios significantes, abordando ativamente a questão de seu gozo, como o que permanece em excesso.

Isso nos leva a concluir que a demanda fundamental de uma mulher só pode girar em torno do reconhecimento daquilo que nela excede, e não, ao contrário do que se pode pensar ao interpretar suas demandas “ao pé da letra”, que ela deseje de fato receber todas as respostas. Pois, toda resposta à feminilidade, para uma mulher, fracassará irremediavelmente, referindo-a apenas à função fálica, ao preço de limitar seu sentido.

Como disse Lacan, “o homem é o artesão de seus suportes”<sup>18</sup>. Daí a possibilidade de que o ser da mulher, a princípio evocado caoticamente através da doença, venha a colocar-se num segundo tempo como o espaço do desejo, como o que resta a ser dito. Pois um desejo garante-se, não pela sua realização, mas pelo seu reconhecimento, para que continue existindo como tal.

## Referências bibliográficas

- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- BOONS, M.-C. *Mulheres/Homens – ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.
- DEUTSCH, H. *The Psychology of Women – A Psychoanalytic Interpretation*. New York, Grune & Stratton, 1944, vol. 1.
- FREUD, S. “Nuevas observaciones sobre las neuropsicosis de defensa”, in *Obras completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 3<sup>a</sup> ed., 1973, tomo I.
- \_\_\_\_ “La etiología de la histeria”, in op. cit.
- \_\_\_\_ “Tres ensayos para una teoría sexual”, in op. cit. tomo II.
- \_\_\_\_ “La moral sexual ‘cultural’ y la nerviosidad moderna”, in op. cit.
- \_\_\_\_ “Fantasías histéricas y su relación com la bisexualidad”, in op. cit.
- \_\_\_\_ “Generalidades sobre el ataque histérico”, in op. cit.
- \_\_\_\_ “Los instintos y sus destinos”, in op. cit.
- \_\_\_\_ “La disolución del complejo de Édipo”. In op. cit., tomo III.
- \_\_\_\_ “Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatómica”, in op. cit.
- \_\_\_\_ “Sobre la sexualidad femenina”. In op. cit.
- \_\_\_\_ “Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis”, in op. cit.
- LACAN, J. *As psicoses – Seminário livro 3*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_ *A ética da psicanálise – Seminário livro 7*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- \_\_\_\_ *Mais, ainda – Seminário livro 20*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.
- POMIER, G. *A exceção feminina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.

## Resumos

*El síndrome de la Tensión Premenstrual (STPM) surge en nuestro días como el “síndrome de la mujer moderna”. Estos síntomas porque marcan una diferencia*

18. J. Lacan. “O problema da sublimação”. In *A ética da psicanálise – Seminário livro 7*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 150.

*sexual, son cada vez más difíciles de ser simbolizados por las mujeres de nuestra época, parecen incomprensibles para sus víctimas, incurables para los médicos, "lacuna femenina" para la sociedad. Sin embargo, a luz de los conflictos pre-edípicos descritos por Freud, así como de acuerdo a la problemática de la prepubertad según Helene Deutsch, hasta la lectura lacaniana del goce femenino, la tensión premenstrual se revela por la emergencia de lo real como "tensión presimbolizante" – un esfuerzo impuesto a toda mujer por la imposibilidad de decir su sexo, de definirse a partir de la función de maternidad como creadora de sus propios significantes.*

*Le Syndrome de Tension Prémenstruelle apparaît de nos jours comme le "syndrome de la femme moderne". Marquant une différence de plus en plus difficile à symboliser pour les femmes de notre époque, les symptômes de la STPM se révèlent incompréhensibles pour leurs victimes, incurables pour les médecins, et comme une "folie féminine" pour la société. Toutefois, à la lumière des conflits préœdipiens décrits par Freud, ainsi que de la problématique pré-pubertaire chez Helene Deutsch et jusque dans la lecture lacanienne de la jouissance féminine, la tension prémenstruelle surgit comme tension pré-symbolisante, comme un effort imposé à toutes les femmes par l'impossibilité de dire leur sexe, de se définir à partir de la fonction de la maternité comme créatrices de leurs propres signifiants.*

*The Pre-Menstrual Tension Syndrome currently emerges as the "modern woman syndrome". Marking a sexual difference, more and more difficult to be symbolized by our contemporary women, the PTMS symptoms reveal themselves as incomprehensible to their victims, as incurable to the doctors and as "female insanity" to the society. Nevertheless, in the light of the pre-oedipal conflicts as described in Freud, as well as of the pre-puberty problems in Helene Deutsch, and up to the lacanian reading of female orgasm, the pre-menstrual tension shows itself as a pre-symbolizing tension, an effort demanded from all women because of their impossibility to say their sex, to define themselves from the maternity function as creator of their own signifiers.*